



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Artes – Ida  
Departamento de Artes Cênicas - CEN

**ANA V RABELO**

**GENTE PROPOSITORA:**  
A experiência teatral como vetor de transformação.

**BRASÍLIA – DF, 2019**

**ANA V RABELO**

**GENTE PROPOSITORA:**

A experiência teatral como vetor de transformação.

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília com requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientadora: Prof. Angela Barcellos Café.

Brasília – DF, 2019

## DEDICATÓRIA

Dedico a minha família, amigos e todos aqueles que acreditaram em mim e contribuíram para que este trabalho acontecesse.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, criador e consumidor da minha fé. Obrigada por sempre estar comigo nesses 4 anos. A cada passo, cada medo e insegurança, sentia você do meu lado. Obrigada verdadeiramente por tudo.

A minha família, Nelminha como a senhora fora paciente e parceira nesse processo, sou tão grata por seu amor e seus puxões de orelha. Edgarzinho meu cenógrafo favorito, obrigada pelas comidinhas antes das aulas, pelos conselhos verdadeiros e únicos. Ana B, obrigada por sempre ser proativa e me ajudar nos dias em que o meu cansaço era maior do que qualquer coisa, minha pequena grande mulher. Com vocês três cresço cotidianamente, verdadeiramente e espiritualmente. Somos uma família falha, mas que rir do simples, que torna o simples especial e que ama Suits e isso já me basta. Amo tudo que estamos construindo sobre muita verdade e amor, essa conquista também é de vocês.

A Aninha, Natália, Lucas, Gabriel, Glaucia, Fernanda, Cumadi, Filipe, Pedro Filipe, Amanda, Júlia A. e outros vários amigos, daqueles que a gente sabe que pode carregar para o final da vida, que podemos ligar as 04:00 da manhã, que podemos pedir ajuda em curta da faculdade, que podem fazer um tour na UnB com você, que te aguentam pós aula, que aguentaram você decorando texto, ensaiando cena, treinando movimentos de MOV 1. Que te levam ao RU no primeiro dia de aula, que te dão carona, que te buscam e afins. A vocês, amigos da vida e para vida, meu eterno agradecimento, vocês sabem como essa jornada foi louca e divertida, mas boa parte só foi graças a vocês. Muito obrigada por antes, agora e depois.

A Bibi, Lets e Ju, minhas amigas de vida, minhas amigas que a UnB trouxe, que dádiva foi ter dividido tudo isso com vocês. Das marmitas no espaço piloto, pudemos ver a mudança de cada uma, dividimos sonhos, medos, e situações em nossas vidas. Obrigada Lets por me ensinar o valor do desacelerar e relembrar sobre as verduras na marmita. Obrigada Bibi, por me ensinar sobre força em cena e sobre dividir com o outro as vezes também é muito importante. E Obrigada Ju, por me mostrar que mulheres grandes, fortes e com muita presença, também choram, também são sensíveis e que no fim tudo pode se resolver com uma coca cola bem gelada.

Agradeço a Instituição UnB por ter me apresentado a Mar, Octávio, Gabo, Luiza, Danilo, Felipe e tantos outros colegas maravilhosos. E também a professores, mestres e

doutores marcantes, em especial Ângela Café, porque com você, tenho aprendido a escrever todo um texto na primeira pessoa. Com você aprendi que não existe idade para fazer aquilo que se ama, aprendi ou tenho aprendido a fazer planejamento de aula, aprendi sobre uma linha do horizonte que nunca quero perder de vista. Muito obrigada.

Agradeço ao Centro de Ensino Santa Rita de Cássia, lugar aonde estudei e voltei para trabalhar, só para vocês verem o tanto que amo aquele lugar. A Escola Sonhém de Cima, o chamado “lugarzinho no meio do nada”, poesia poder conviver ali. Ao Centro Educacional do Lago Norte, o meu muito obrigada pelo diálogo horizontal com os alunos. A professores marcantes em minha vida: Emerson e Milena, vocês acreditaram lá no início na menininha de óculos que só gostava de jogar futebol.

Obrigada aos meus tios que nunca saíam de dentro da minha casa, e me deram tanto material cênico que não cabe em uma página. Tio Dudu, Tio Edvaldo e Tio William. Obrigada ao meu Tio Luiz, por guinchar meu carro no IdA quando o cansaço já era grande e até perder a chave de carro já perdi. Obrigada a minha tia Eliane, tio Sérgio, Henrique e Gui, pelas comidinhas, pela cama, pelos papos, por ser minha família no plano piloto. Por abrir a porta da casa de você até quando eu esquecia de avisar que precisava ir, vocês fizeram tanto por mim que não cabe em palavras.

Ao meu avô Valter e a avó Maria, duas peças raras. A você Valtinho, obrigada por ser meu primeiro contador de histórias, e para mim o meu favorito. Prometo tentar decorar o nome do Sebastiãozinho que vendo mandioca na feira, ou da tia Maria que não pedi benção por não fazer ideia de quem era. Você é o maior contador de história, ou melhor de “causos”, que conheço. Te amo. A Maria, minha Marreld, obrigada por sua fé, por sua mão macia, por seu olhar forte tão cheio de presença, você me ensinou o valor da vida, da luta. Nunca conheci alguém mais forte que a senhora, eu te amo. Obrigada a você dois, dádiva poder crescer com vocês.

Obrigada ao Vovô Goda e a dona Nádia, vocês sabiam o que ninguém sabia na época e nem mesmo eu. Sabiam de uma potencialidade, vocês viam alguma coisa e quero levar esse olhar para vida. Quero poder ter a sensibilidade de vocês com meus alunos. Saudade das nossas conversas, mas mesmo assim muito obrigada.

## RESUMO

Este trabalho abarca questões no âmbito do ensino das artes cênicas pertencentes ao querer, conseguir e poder da Educação Infantil ao Ensino Médio. Investigo como a experiência cênica pode agregar na formação de um indivíduo propositor socialmente a medida em que as experiências que o cercam criam significado. Nesse significado, há verdade, há mudança, há transformação e há também amor. Defendendo a ideia de que tais mudanças modificam não só o ser que a pratica, mais também aqueles que o cercam, nasce, portanto, um ser propositor ávido por uma mudança social. A metodologia deste trabalho é um registro etnográfico dos conhecimentos construídos por meio de jogos teatrais, jogos dramáticos e experiências em sala de aula, analisadas e refletidas que podem transformar não só o aqui e o agora, mas o futuro. Da sala de aula para a vida! Os resultados mostram como a experiência cênica influencia nesse processo e como a criança propositora se percebe no seu meio e pode ressignificar as frases: *Eu não consigo, eu não quero e eu não posso*.

**PALAVRAS-CHAVES:** Experiência, Ensino/Aprendizagem, Aluno propositor, Desenvolvimento humano e Sensibilidade.

# Sumário

1	HISTÓRICO PESSOAL.....	6
2	INTRODUÇÃO .....	8
3	“TIA VIVI, EU NÃO CONSIGO” .....	11
4	“TIA VIVI, EU NÃO QUERO” .....	21
5	“PROFESSORA , EU NÃO POSSO” .....	33
6	“OLHA PARA MIM...RESPIRA” .....	41
7	REFERÊNCIAS.....	44
8	APÊNDICE .....	46

## 1 HISTÓRICO PESSOAL

Engraçado como os nossos caminhos enquanto ser humano são totalmente diversos, pelo menos em alguma parte, daquilo que imaginamos um dia ou projetamos como o futuro perfeito. Somos carregados de sonhos, ideais, dogmas e projeções sociais que vez ou outra, nos definirão ou nos farão enxergar a vida por uma ótica específica. A questão é, que independente de quem somos hoje, o nosso eu do ontem nos fez chegar até aqui, seja de uma maneira agradável ou não. No meu caso, ousou dizer que fui privilegiada ou melhor agraciada.

Por isso, escolho começar falando da Ana Vitória aos 10 anos. Menina tímida, que pouco falava e que encontrou no esporte um caminho de crescimento e diversão. Eu jogava futsal, futebol, pelada, rachão ou qualquer jogo que remetesse a lógica de um gol, seja a sandálias na frente do portão ou as traves do gol da escola, e uma bola, de papel, borracha ou meia.

Na mesma época começava dentro da Igreja a criação de uma peça teatral na qual tudo me chamava atenção, me interessei. Continuei jogando e agora, atuando na Igreja, até que um novo projeto dentro da escola me proporcionou dar o próximo passo. Uma antiga professora, da época da minha alfabetização, me reencontra nessa nova escola, e no sexto ano me convidou para ser a narradora de uma montagem da peça “O Auto da Compadecida” tentei recusar na hora, porém, ela insistiu, e ainda bem por isso.

Apresentamos a peça e foi sem dúvida nenhuma uma das experiências mais únicas da minha vida. Aquela nova sensação me fazia bem, era tudo novo. Durante a apresentação um outro professor, agora de história, viu a peça e se interessou em abrir um projeto de teatro na escola. Tudo parecia se encaixar de maneira natural, o fluxo de criação e aprendizado teatral foi tão orgânico que formamos um grupo de teatro por cerca de 5 anos.

Montamos diversas peças, apresentamos tanto na escola quanto no teatro da cidade. Montamos peças autorais, textos clássicos como Antígona, Édipo Rei e etc. Fizemos performances, danças e etc.. Tudo crescia muito rápido, a cada técnica eu me interessava mais, achava as aulas um espaço de descoberta e liberdade diferente de qualquer outro espaço no qual já estivesse.



Já no ensino médio surgiam perguntas como: “Você vai querer ser o que? ”, “Vai fazer qual curso? ” e “Já decidiu a profissão? ”, escolher o que fazer para o resto da vida parece um tanto injusto e confuso naquele momento, ainda mais com esses dois agravantes:

1- Meu professor, que era de teatro e de história tinha acabado de se desligar da escola, o grupo não tinha como se manter. Eu perdi um grande amigo e um referencial.

2-No mesmo ano perdi duas pessoas extremamente importantes em minha vida. A primeira foi minha pastora, que no início do texto comentei da experiência teatral dentro da igreja. A outra foi meu avô, homem nobre, doce e que com certeza estaria tão orgulho da neta escrevendo o seu TCC. Conversaríamos a tarde inteira sobre o que eu penso em escrever, como e porquê, e claro, tudo estaria regado de muito café e pão na manteiga, nada de margarina.

Em virtude de tudo isso escolher o curso, não era meu foco principal, decidi fazer Engenharia Civil. Estudei e falava para os outros que seria engenheira e faria teatro aos finais de semana, precisava de uma estabilidade e parecia lógico meu pensamento. Mas como eu disse no início da minha narrativa, os nossos caminhos são recheados de novidades e surpresas. E em novembro 2015, fim do meu terceiro ano, marquei Artes Cênicas pelo PAS 3, sim escolhi aquilo que me dava mais medo e que me movia de uma forma absurda.

Minha nota dava para o curso de Engenharia Civil, mas eu quis artes, para o desespero dos meus pais, que mesmo sob todo o medo assim como eu estava, me apoiaram e compraram junto comigo uma briga que teria para o resto da vida. Afinal seria professora e não só professora, professora de artes.

Pois bem, esse é um “cadinho” sobre Ana Vitória Rabelo Pinto, mulher, filha, irmã, cristã, 21 anos, atriz, futura professora de artes cênicas, primeira Rabelo a entrar em uma universidade pública. Irmã da Ana Bárbara Rabelo Pinto, menina-mulher, forte e pura em sua essência. Filha de Nelma Silva Rabelo Pinto, mulher forte e uma baita professora de alfabetização e filha de Edgar Souza Pinto, um homem com um caráter inigualável e um eletricista de personalidade forte. Uma família forte, como podem ler.

Hoje sou aquilo que um dia plantaram em minha vida e me proporcionaram ser. Hoje sou aquilo que ainda almejo ser, não só pelo querer pessoal, mas pelo desejo sincero de ser relevante de alguma forma. Hoje sou a necessidade, a vontade de mostrar que arte é mudança, é fluxo, descoberta, medo e sinceridade. Hoje eu sou Ana V Rabelo.

## 2 INTRODUÇÃO

A partir das minhas vivências supracitadas escolho falar neste trabalho sobre: Experiências. daquelas que nascem no terreno do incerto, do novo e do agora. daquelas que nascem na quadra da escola, na sala de aula ou no bebedouro. As que nascem no café da manhã com os avós, das fofocas entre os amigos e das conversas regadas a muito sorvete com a família. As experiências que fluem do ser e para o ser, e que acontecem a todo momento dentro das escolas e perpassam para outras esferas sociais. A palavra experiência carrega uma gama de possibilidade tão grande, entretanto vale ressaltar seu significado.

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. (BONDÍA, 2001, p. 25)

Portanto, o termo experiência advém de um bocado de experimentação, com uma pitada de perigo. Perigo em sair da zona de conforto, de fazer algo novo e de se mostrar aberto ao processo seja lá de qual esfera ele seja. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é mostrar situações orgânicas de crianças e jovens que colocados sobre o terreno da experimentação cênica influenciam não só o ambiente escolar, mas alcançam esferas mais abrangentes no hoje e também no futuro. Em suma, este trabalho levanta pontos acerca de uma criança propositora ávida pela experimentação e que encontra no ensino das artes cênicas caminhos de transformação social.

Por nenhum momento quero cometer o equívoco de usar o ensino das artes cênicas como um instrumento para se obter seja lá qual for o resultado. Muito pelo contrário, meu objetivo aqui é garantir que tal ensino seja tão latente e preponderante na vida de um indivíduo que por si só se basta e que permite sim, ao indivíduo, resultados físicos e/ou mentais que envolvem outras áreas do conhecimento. Mas esses resultados não foram o objetivo principal da prática, eles vieram porquê já se fazem intrínseco ao desenvolvimento humano e da linguagem das artes cênicas. Em resumo, o ensino das artes cênicas, não é muleta, ferramenta ou metodologia de outras áreas do conhecimento dentro das escolas.

Esta pesquisa é de cunho qualitativo porque segundo, Levin apud ANDRÉ 2009 p. 31, aborda as questões psico sociais e investiga relações sociais que por meio do ensino do teatro conseguem transformações significativas nas ações e nos entendimentos dos estudantes.

A experiência vivenciada em sala de aula em sintonia com a formação de um ser humano autônomo, capaz de se colocar no espaço como protagonista de seus atos e aberto ao diálogo.

Pretendo trazer para a pesquisa três reflexões no ensino de artes cênicas, ao longo de um ano, quando pude ter contato com crianças a partir de 3 anos até aos 17 anos. Hoje sou Residente Pedagógica<sup>1</sup> em uma escola pública de Ensino Médio, sou educadora sócio voluntária em outra escola pública de educação infantil na parte rural e sou professora no turno contrário de uma escola da rede particular com alunos do fundamental II. Ou seja, ao longo de um ano pude experimentar três níveis de ensino com realidades completamente diferentes e trago para esse trabalho experiências reais, de pessoas reais e de descobertas metodológicas que surgem a cada aula ministrada.

Ao longo dessas três reflexões, produzi um livro fotográfico que anexo a esta pesquisa: **Apêndice A**. Com o objetivo de apresentar um pouco das diversas realidades, “RECORTES” surge de inquietações pessoais de querer mostrar como a experiência cênica é forte, latente e verdadeira em diversos sentidos. Este **Apêndice A** pretende elucidar a vivência em sala de aula por meio de fotos, é a minha visão sob o terreno de outra linguagem e que acompanha quase os mesmos sentidos e / ou sentimentos dos diálogos vivenciados em sala de aula. Vale salientar que todas as imagens foram autorizadas pelos respectivos responsáveis<sup>2</sup>.

Como o *conseguir*, o *querer* e o *poder*, influenciam de forma direta no processo de ensino-aprendizagem na área teatral. Como entender e potencializar um lugar de escuta, empatia e descoberta para que haja uma ressignificação das frases: *Eu não consigo*, *eu não quero* e *eu não posso*? As escuto com uma frequência enorme dentro de sala de aula e trazê-las para a discussão, ao meu ver, impulsiona novos subsídios para a educação das artes cênicas. Como as crianças e jovens propositoras, inseridas nas mais diversas realidades e períodos da educação, a infantil, fundamental e médio, podem ser protagonistas de um saber que reflete não só dentro da sala de aula, mas para áreas sociais muito mais abrangentes?

Não estou aqui para formar futuro atores, se alguns deles quiserem, tudo bem. Mas minha busca incessante enquanto profissional das artes é ampliar caminhos de mudança individual e social que o aluno percorre durante a sua caminhada cênica. Partindo do meu

---

<sup>1</sup> Programa da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior) em que permite estudantes do Universidades Públicas serem residentes dentro de escolas públicas. Acessado em <https://www.capes.gov.br/>

<sup>2</sup> Todas as autorizações foram anexadas em um link que guardo sob minha segurança.

objetivo central, pretendo criar narrativas que abarquem a perspectiva de um aluno autônomo, criativo e capaz de perceber, influenciar e transformar o mundo a sua volta.

Compreender que o objetivo deste trabalho não limita, mais potencializa caminhos de descoberta não somente cênicos, mas de transformação social, reiteram a máxima de que a linguagem teatral toca esferas muito mais abrangentes. Afinal o trabalho em grupo, empatia, confiança, diálogo, respeito, compreensão corporal, dentre outros objetos de estudo abordados dentro de uma aula de teatro, são questões que transcendem a própria sala de aula e adentram o universo de uma sociedade que necessita cotidianamente de respeito, empatia, olho no olho e etc. e é sob essa perspectiva que saliento a importância das discussões que serão abordadas neste trabalho.

John Dewey afirma que “O universo é um conjunto infinito de elementos, que se relacionam de maneira a mais diversa possível. ” (2010, p. 05). É sobre isso que esse trabalho discorre. Sobre os diversos infinitos e as suas mais loucas, criativas e latentes relações que acontecem no ensino das artes cênicas, estas que hora ou outra divergem, crescem, amadurecem e somam em conjunto e/ou individualmente, mas que no fim nos geram experiências significativas e consequentemente geram conhecimento. O conjunto, o grupo, o amontoado, nós, vós, eles, elas, o todo nunca se fez tão necessário à medida em que os corpos se distanciam cada vez mais, à medida em que as famílias não se comunicam mais e à medida em que o *EU* se aproxima mais do ter, do que do ser. Acredito que ainda há esperança, acredito porque ainda há teatro. Me perdoem os clichês, mas é porque a vida, ou melhor, o conjunto infinito de elementos, defendidos por Dewey, ainda me trazem esperança, quando olho para essas três instâncias: a educação, o teatro e a família, ambas gerando a todo momento novas experiências e caminhos para que o aluno propositor a partir de agora se permita viver o: *Eu consigo tia Vivi, Tia Vivi, eu quero e eu posso professora.*

### 3 “TIA VIVI, EU NÃO CONSIGO”

“Passa por aqui...  
Isso  
Faz a bolinha agora vai para o tecido  
Um lado depois o outro...  
Eita, eita volta  
Errou, tudo bem.  
Conserta aqui. Isso  
Agora foi.  
(Apêndice A)

Escutei e ainda escuto essa frase diversas vezes ao longo deste 1 ano: “*Tia vivi, eu não consigo*” se tornou algo normal no meio das escolas. As crianças e os jovens têm tanto medo de errar que não se interessam mais com o experimentar na íntegra. O caminho a se percorrer na jornada do saber, experimentar e aproveitar, não faz mais sentido para eles, porque no fim o que realmente importa é: “a nota final”. Esse pensamento já fora tão difundido em suas cabeças que o primeiro impasse que vi dentro da sala de aula foi isso: “Vale quanto? ”, “Mas quem ganha? ”, “Quem perder sai né? ”, “Se eu não fizer perco ponto? ”. Como é possível educar para a liberdade com valores tão competitivos e distantes da vida real?

Me lembro que quando criança, minha irmã estava naquela fase de experimentar, errar e aprender coisas novas a todo momento. Nossos oito anos de diferença me faziam questionar o porquê de ela ter tanta curiosidade em colocar o dedo na tomada, mesmo com meus pais insistindo em dizer que aquilo não seria bom para ela. Ela olhava para a tomada, depois para meus pais, e para o dedo. Vinha posteriormente a tentativa de colocar o dedo na tomada, juntamente com a interjeição dos meus pais de “Não”. E mais uma vez: Tomada, dedo, meus pais. Tentativa. “Não”. Por mais que a triangulação teatral de minha irmã estivesse perfeitamente espontânea, o fato é que mesmo ela ouvindo a interjeição de “Não”, isso não a impedia de colocar o dedo na tomada. Era um jogo Clownesco da melhor qualidade. E pude, refletindo agora, entender que a **experiência** adquirida por mim naquela situação, possibilitou um **conhecimento**. Este último relacionado ao entendimento de que o jogo teatral está para além da sala de aula, está em esferas muito maiores, como por exemplo em colocar ou não o dedo na tomada.

Levar a criança para além dessa aquisição de certos modos visíveis e externos de ação, provocados por condições também puramente externa. A criança

deve associar-se à experiência comum, modificando de acordo com ela seu estímulo interno, e sentindo, como o próprio, o sucesso ou o fracasso da atividade. (DEWEY, 2010, p. 17).

Parece que meus pais influenciaram de forma direta em sua escolha. Mas se olhar por outro viés, perceberemos que eles apenas deram outra opção, esta que no qual ela não optou. Ela tinha a opção de enfiar o dedo ou não. Seria diferente se eles levantassem e de forma física a tirassem de perto da tomada ou algo do tipo, mas isso não foi feito. O caminho fora percorrido por ela, e dentro da sua zona proximal, estabeleceu conexões que para ela, pelo menos naquele momento, faziam total sentido.

A autonomia do aluno parte de uma demanda dada por ele mesmo e a linguagem teatral tem arcabouços suficientes de se comunicar com a quem pratica (Apêndice A). Criar um lugar de encontro, escuta e de experimentação, para além de conteúdos, mas de entendimento com o aqui e o agora que nos cerca é dever do professor. O processo de ensino-aprendizagem do hoje não suporta mais modelos antiquados de uma educação tradicional e retrógrada, da qual o pilar de saber é a inserção de saberes no aluno e não a partir do aluno. A educação do hoje, necessita a todo momento de uma metodologia ativa em que o estudante esteja a todo momento propondo mudanças e inserido de forma atuante no meio em que está inserido.

Em contrapartida, por mais que incentivemos a todo momento a criança a experimentar, a tentar, e se tudo der errado, tentar novamente. Os colocamos em um lugar um tanto complexo e inseguro. Saliento sobre o pressuposto de que: A criança experimenta e busca respostas a todo momento, mas já tão inserida em contexto em que só existe uma resposta única para tudo, ela auto sabota seu exercício pensante com medo. Medo da resposta errada. E é nessa premissa que a insegurança está.

Já tão enraizadas em uma mentalidade que a aplaude o resultado final e descarta o processo, as próprias crianças sabotam seu processo de experimentação, com medo errar. Em que momento social o medo de errar ficou maior que a própria tentativa?

Durante uma aula com meus alunos de 7 a 10 anos, dou o seguinte direcionamento: “Vocês devem cruzar a sala de um lado para o outro”. Assim que terminei minha frase, a maioria, para não dizer todos, me indagam sobre: Como? Vertical? Tem que ser andando? Correndo? Só ir professora? E outros inúmeros comentários. Não parece simples o comando? “Vá para o outro lado da sala”. Mas até mesmo o mais simples comando, às vezes parece difícil para eles, que estão praticamente acostumados a serem enrijecidos a resolverem as coisas de

forma bem pragmática e cheia de comando bastante específicos, a liberdade de resolver problemas foi substituída por um medo tão grande de errar, que os próprios alunos esperam direcionamentos extremamente específicos sem uma abertura para as interpretações diferenciadas, esperam uma resposta pronta. A arte não quer resposta pronta!

Meu impasse começa agora, no momento exato em que a estudante não está disposta a participar, fazer ou a experimentar, seja porque não há uma resposta exata ou se aquilo não tiver um valor na avaliação final. Como propor um ambiente no qual a criança experimente, se ela mesma já cerceada de tanto medo não quer participar? Como desmistificar ou desassociar “a nota” de uma experiência momentânea? O aqui e o agora são de extrema importância e são por vezes amplificadores de novos saberes. Mas o que quero dizer é que, estamos caminhando a passos largos para uma sociedade tão capital, que não vê mais sentido no jogo, na diversão ou na experimentação e por isso da criança cada vez mais cedo, os enchendo de ideias cada vez mais capitalistas e menosprezando o valor da linguagem dentro do processo educativo. O tecnicista é por vezes posto em uma supervalorização enquanto a linguagem perde cada vez mais significância dentro de toda uma sociedade.

A experiência surge neste trabalho antes mesmo de se falar sobre processo educativo das artes cênicas. É porque esta se faz presente em cada um de nós desde o nascimento (Apêndice A). Seja o andar, o falar e etc. a todo momento somos inseridos em situações de novas descobertas e no fim selecionamos a que tipo de estímulos iremos responder. Selecionando ou não, o ponto que quero trazer para a discussão é que os estímulos por si só já são um grande passo para que a experiência aconteça. Quando a criança chora, é um impulso reverberado pelo cérebro, é natural. Entretanto, com o passar do tempo e do amadurecimento ela começa a identificar um padrão e o segue no intuito de adquirir aquilo que deseja. A palavra estímulo está diretamente ligada a este amadurecimento. E esse amadurecimento está diretamente ligada as relações que essa criança fará no futuro. Aquele ato de chorar porque está com fome aos três meses de idade se repetirá ao 1 ano de idade porque a criança, agora mais madura, identificou um padrão e o repetiu no intuito de conseguir aquilo que queria. Perceba que os estímulos dados as crianças as fazem amadurecer e que este amadurecimento está diretamente ligado as experiências que esta participa e começa a desenvolver um padrão e a repeti-lo no intuito de se obter aquilo que ela deseja.

A repetição desse padrão não seria por si só uma noção de Observação e/ou do Querer pessoal observado por Stanislavski, em a preparação do ator (1936)? A triangulação, da criança que quer colocar ao dedo na tomada, não seria a própria técnica usada por vezes no Clown -Ana Elvira Wu (2009)? O brincar de mamãe ou filhinha, de casinha ou de super-herói não seriam o próprio Jogo Dramático por vezes defendido por Peter Slade (1978)? Coloque uma criança em cena e peça para ela demonstrar uma briga de casal e se surpreenda com o que eles são capazes.

É a partir da experiência que a criança cria o real vínculo com a aprendizagem. Se é real, cria significância e partir desses significados os caminhos a se percorrer são infinitos. A aprendizagem sai da zona de *aprender por uma nota* e os estudantes passa a criar ligações com aquilo que elas acabaram de aprender, não só porque faz sentido no âmbito da avaliação ou prova, mas faz sentido para vida, faz sentido para o seu próprio desenvolvimento humano.

O aluno presta uma atenção externa, perfunctória, ao professor, ao livro, à lição, enquanto os pensamentos íntimos se lhe concentram em assuntos de mais imediato interesse. Sua atenção é atenção de olhos e ouvidos, mas o cérebro se ocupa de questões que exercem imediata atração (WESTBROOK, e TEIXEIRA, 2010 apud Dewey, p.125).

E isso faz com que a educação seja vista pelo próprio aluno como algo maior, mais potente e verdadeiro, sai de uma visão micro, *passar na matéria*, e vem para uma visão macro, *o que eu posso influenciar na sociedade com isso que aprendi?* O estudante ressignifica o seu saber sobre o viés da experiência e não mais para se obter algo. Ele aprende porque o percurso o interessa mais do que a linha de chegada.

E a partir disso, a relação com o *eu não consigo* perde sentido, porque a medida que eu, estudante, entendo que educação não é por uma nota e sim para um contexto muito mais abrangente, entende-se que posso *não saber disso hoje*, mas amanhã já posso saber determinada informação. Afinal somos seres que necessitamos observar, identificar um padrão, testar esse padrão, acertar ou errar. Isso é artes cênicas! Teatro deriva do termo *Lugar em que se vai ver*, e se pauta na noção de um ser que faz e um ser que vê, correto? Se essa premissa se baseia nisso, eu tenho um ator brincante (a criança), e tenho aquele que vê (as crianças em sala, familiares, amigos ou etc.) o Ato cênico se constitui, pronto! (Apêndice A)

Certa vez durante uma aula no ano de 2018 uma aluna me questiona com a seguinte frase: “Professora, porque que a gente só brinca e não faz teatro sério?” Me lembro de ficar



dias pensando sobre aquela pergunta, nunca esqueci da aluna, e nem da situação. Pensei sobre as mil maneiras com que havia falhado com aquela aluna, sobre como poderia ser mais rígida e trazer mais textos ou invés de deixá-los criarem as próprias cenas e cheguei a mais sincera conclusão: O que estávamos fazendo ali era brincadeira sim, mas uma brincadeira ligada a experimentar a situação por meio do ensino do teatro. Portanto, uma brincadeira séria!

Quanto observo o primeiro ponto, aonde o ensino das artes cênicas parte do experimentar, me distancio do pragmatismo capitalista (De fazer algo porque quero ganhar algo), não experimento e/ou aprendo algo visando um lucro físico. A própria experiência já é um ganho, já é o lucro em si e esse ganho está inteiramente ligado ao próprio prazer de jogar e aprender algo. Olhando para o segundo ponto do questionamento da aluna, principalmente olhando para o final da fala “Teatro sério”. Pude notar que possivelmente ela queria pegar um texto e ensaiá-lo exaustivamente ou trabalhar exclusivamente com algo mais ensaiado e com menos liberdade como a brincadeira propunha em alguns pontos. Talvez ela quisesse menos improvisação. Talvez ela quisesse aprender algo pronto, como modelo.

Respondi para aluna, até então no sexto ano do fundamental a seguinte frase: “Existem infinitas possibilidades de se fazer algo sério, dentro da brincadeira”. Me lembro dessas palavras como se fossem ontem, a aluna não permaneceu, talvez não tenha entendido. Porém naquela experiência pessoal aprendi que não dá para ensinar alguém a brincar. Entenda meu ponto, dá para ensinar as regras de um jogo, mas não se ensina alguém a se abrir para a experiência. Podemos a todo momento criar mecanismos que estimulem a criança a participar, mas se no fim, ela ainda escolher por não participar, não há como forçá-la.

A abertura para o novo, para aquilo que ainda não foi descoberto ou experimentado, exige uma gama infinita de coragem e um passo gigantesco para fora da zona de conforto. A criança, por vezes pode ser subjugada e interpretada como fraca, incapaz, mas a considero o ser com maior coragem e intrepidez se comparado a outros momentos de desenvolvimento humano (jovem, adulto, velho). Observe o jovem, o adulto, o velho e perceba a criança. Esta, que diferente de todos os outros, ainda não possui uma bagagem de experiências tão plural, se dispõem a todo momento a novas experiências e desafia padrões, regras, questiona por interesse e é sincera em absolutamente tudo aquilo que por vezes se dispões a falar ou fazer.

Quem nunca se viu em uma situação de risco ou em uma saia justa com a pergunta de uma criança? Quem nunca ficou sem palavras no momento em que uma criança disse algo?

Qual pai, irmã ou tio nunca se sentiu envergonhado por um comentário absolutamente orgânico e sincero de uma criança em uma roda de amigos? Essa espontaneidade, sinceridade, produz nela uma personalidade única, capaz de transformar ambientes e vidas a sua volta. É sob essa perspectiva que o teatro por vezes se apoia, na organicidade, na sinceridade de colocar algo plural e verdadeiro em cena. (Apêndice A)

Reitero o pensamento do início deste trabalho de que me afastaria do *ator* e me aproximaria da *criança* em cena. A criança propositora para a cena, aquela que vê no seu dia a dia possibilidades cênicas, aquela que não se importa em ganhar pauta para os teatros do SESC e é aquela que não perde tempo com os problemas de ego ou estrelismo dos colegas de elenco. A criança propositora está perguntando 2 min antes de entrar em cena: “Meus pais chegaram tia Vivi? ”, e pergunta 3 dias antes da apresentação “Professora, não vou conseguir decorar essa fala do Chicó. A senhora acha que consigo? Porque se você disser que eu consigo... Eu consigo” (Apêndice A).

A criança propositora é ávida pelo novo, pelo conhecimento e se propõe em cena a brincar, se divertir, ela leva a cena como uma oportunidade de conhecimento, e não ache que ela banalize o momento cênico, muito pelo contrário, ela leva essa experiência tão a sério que fica extremamente concentrada e às vezes até nervosa. Quero que vocês conheçam agora o **R**, meu aluno de 9 anos, que estuda na escola particular, que é apaixonado por futebol e que se mostra extremamente observador e interessado nas minhas aulas. Fiz uma sequência didática a partir da peça “O auto da Compadecida” (Apêndice A), e durante o processo aconteceram algumas complicações, em resumo há 3 dias de apresentarmos para toda escola, tive que dar um bifão de uma página para ele, afinal ele se mostrava o mais seguro nas partes dele e dividir o bifão com outros alunos não estava dando certo.

Pois bem, **R** no ensaio geral vem até mim quase chorando, dizendo que não estava conseguindo decorar a fala, naquele momento me culpei e perguntei a mim mesma se não estava o exigindo demais, ele me indaga com a seguinte frase: “Professora, não vou conseguir decorar essa fala do Chicó. A senhora acha que consigo? Porque se você disser que eu consigo... Eu consigo. ” Meu peito doeu na hora, ele estava todo animado, participativo durante as aulas, ria, brincava e ajudava os outros a baterem suas falas, disse naquele momento que ele conseguiria, que confiava nele e mesmo que ele não decorasse, não haveria problema porque ele já tinha feito muito. No dia da apresentação ele vem correndo até mim “Tia Vivi, decorei tudo, meus

pais me ajudaram a decorar e colocaram o filme para mim, você acredita que minha mãe ama esse filme? ” Durante a apresentação ele se lembrou de tudo, seu pai no fim da peça veio me agradecer com ele no colo, e para minha surpresa ele estava com os olhos cheios de lágrimas, a mãe me agradeceu também e eu respondi da seguinte forma para aquela família: “**R** é um grande aluno-ator. ”

O exercício de experimentar é muito maior do que a obtenção de um resultado final, é sobre desafiar-se e entender que a superação é feita por/pelo/para o estudante. Naquele dia entendi que não importa quantos espetáculos teatrais farei ou produzirei, de nada isso adiantaria se de alguma forma a vida de pessoas não forem tocadas. Não por mim, mas por ela mesma, tudo parte dela e para ela, e isso é lindo! O significado e o sentido que a experiência teatral carregam são tão latentes e potentes, que acarretam uma gama infinita de novas sensações.

**R** me ensinou como professora – artista (Narciso Telles - 2013) que o objetivo central de um trabalho não está somente no resultado final, na apresentação ou coisas do tipo, mas novamente está no caminho a ser percorrido no processo desenvolvido. Está nas dificuldades que permitem outras camadas de descobertas. O erro, acerto, vitória e derrota estão no mesmo plano a medida que não os dicotomisamos como bom ou ruim, mas sim os enxergamos como vetores de algo novo e expressivo.

O erro não deve ser visto como uma barreira ou como um lembrete de incapacidade, mas sim como um caminho de possibilidades a algo novo e exponencial. Da mesma maneira como acerto não deve ser visto como a única assertiva de conquista ou felicidade. Quantas vezes em sala de aula pude perceber estudantes que tinham enormes dificuldades em perder ou errar e ficavam extremamente decepcionados com eles mesmos, ou pior desmereciam a conquista do outro só para não se sentirem inferiores. Acontece que o erro não precisa inferiorizar, mas capacitar para uma nova tentativa, e o tentar forma novas possibilidades de descobertas.

A chamada *não consigo*, muitas vezes parte das crianças não exatamente por eles não conseguirem algo, mas por estarem tão certos de seu futuro fracasso, que não se permitem fazer. Ou seja, antes mesmo de supostamente fracassarem eles boicotam-se com o intuito de não fracassarem. Confuso não? Mas é como se o medo de errar fosse substancialmente maior que o próprio erro. Parte da premissa de ter medo em tudo: Medo de não conseguir; medo de alguém brigar; medo de ser julgado pelos demais da turma; medo de fazer algo tão diferente e

não ser aceito; medo de fazer algo tão comum e não ser aplaudido ou parabenizado; medo de travar em cena.

Se somos responsáveis, nós sociedade e/ou meio escolar, para que a criança seja livre para descobrir sua própria personalidade, então talvez sejamos: O fio condutor para criar caminhos de possibilidades para que esse indivíduo se desenvolva da melhor forma possível. Ou por outro lado, podemos ser o fio condutor de repressão, do medo e da insegurança. Tanto o meio social, família, amigos e etc. quanto o meio escolar devem dialogar e encarar com responsabilidade o desenvolvimento infantil, afinal como Dewey (1959) esclarece, ambos os ambientes não são antagônicos, mas sim lugar de fala, palco para que a criança se desenvolva e entenda que o material de sua própria descoberta parte dela e por ela.

Criar vínculos entre o ambiente familiar e a escola e comunidade é um caminho pelo qual a educação, seja ela de qualquer área de conhecimento, terá mais significância para as crianças. Quando falamos desses dois ambientes, familiar e escolar, percebemos que pelo menos nos primeiros anos de nossas vidas, esses dois ambientes são os que mais convivemos, aprendemos e nos relacionamos com o outro. Ali formamos nossas primeiras definições de mundo, acreditados fielmente na palavra do professor (a) e criamos ali uma aliança de confiança e afeto com o professor (a). Não quero discutir se esse fato é bom o ruim, mas é um fato, as crianças por vezes enxergam no professor (a) uma figura de afeto, respeito e confiança, principalmente nos anos iniciais. E todo esse processo acaba influenciando diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

Durante uma aula na instituição particular, fazíamos o exercício de confiança, uma pessoa segura a outra depois que a outra se joga de costas confiando de que a primeira irá segurá-la. Pude perceber a insegurança de algumas crianças em se abrir para o jogo e a disponibilidade de outras que logo de primeira se jogavam com extrema facilidade. Tanto o medo quanto a confiança em fazer o exercício eram normais, afinal era o primeiro contato deles com o exercício, como eles eram muito novos, em todos os casos eu os segurei, por tanto sua *confiança* em cair e ser pego estava em mim. O exercício caminhava bem até que o último aluno veio fazer o exercício vai direto no meu ouvido e diz: “Eu não consigo tia Vivi.” Ele se retraiu inteiro e me olhava com uma cara de vergonha e medo ao mesmo tempo.

**MR** estava travado e sem pretensões algumas de tentar fazer o exercício. **MR** tem mais ou menos 4 anos é um aluno bem participativo, ri de tudo (com extrema facilidade

inclusive) e até o presente momento sempre se mostrou bastante aberto a fazer tudo, no primeiro momento achei a recusa dele em participar normal. Afinal era a primeira vez que propunha tal atividade e ela por si só tem um certo nível de insegurança e de dificuldade, sair da zona de conforto por vezes é algo extremamente complicado. Entretanto, fui questionando-o para ver se era somente um medo inicial ou se era um medo ligado a outras memórias, fiz as primeiras rodadas com os demais alunos e quando chegava a vez dele ele já ia direto para o final da fila.

Sempre o questionando em cada rodada, ele se mantinha irredutível em participar, na quarta rodada já estava muito incomodada e quando olhei para ele, no final da fila esperando sua vez, seus olhos estavam um tanto marejados e seu corpo estava extremamente agitado, olhando muito para os lados, a mão balançando a todo momento, uma inquietude que dava para ver de longe. Naquele momento não decidi trazer o foco da turma inteira para ele e no fim da aula, quando já tinha feito todas as demais atividades que estavam no meu planejamento e toda a turma foi beber água, o chamei para conversar.

Ele sentou do meu lado na quadrinha da escola e quando perguntei as primeiras vezes porque ele não quis fazer, o olho voltou a marejar os olhos que não olhavam nos meus, simplesmente balançava a cabeça e dizia: “Não é nada tia Vivi, só não gosto, não consigo...” Quando já tinha desistido de perguntar e estávamos indo para se juntar com o restante da turma no bebedouro, ele me fala a seguinte frase: “É meu pai”. Eu fico sem entender e pergunto para ele o que isso tem a ver com o jogo, e ele me dá a seguinte resposta (dedo indicador para o alto, como se imitasse a mãe): “Seu pai largou você, é por isso que você é assim... Seu pai largou você e a mamãe, por isso que a gente tá assim”. Com apenas 4 anos **MR** me mostrou ali que o *Eu não consigo* por vezes, por inúmeras vezes, tem um fundo ainda maior. Ele, ao meu ver, criou uma espécie de repulsa a palavra *largar*. Que fique claro, que não quero de maneira nenhuma julgar a vida familiar dessa criança, mas sim analisar que *experiências* do âmbito familiar influenciam de maneira direta as futuras *experiências* dessas crianças, e que há na frase *eu não consigo* uma gama de infindáveis camadas e que por vezes um exercício não é somente um exercício.

O *eu não consigo*, deve sim ser questionado e tentado de alguma forma ser resolvido na medida em que ele impede novas experiências significativas. Existe uma necessidade de uma diminuição do uso dessa frase na vida dessas crianças, afinal ela os impede, em várias instancias, de experimentar. Entretanto, trago para a análise um outro viés do *eu não consigo*, um

caminho permeado de algumas inseguranças, de diversas realidades e que entender que aquele não seja o momento nem a hora para se forçar algo maior. A veracidade de alguns “não consigo” me fazem pensar sobre o quão aberto, nós professores, estamos ou não para entender, procurar e identificar os motivos dos nossos alunos.

Como nós, futuros professores de artes cênicas, podemos ser a linha condutora de uma educação que constrói um aluno protagonista, cerceado pelas realidades mais complexas e diferentes? Como entender o lugar dos diversos “não consigo”? Como criar uma aula que não parta de uma demanda pessoal do professor e/ou da escola, mas sim de uma demanda que parta do aluno? (Apêndice A). Ou seja, como inserir as demandas dos alunos no currículo escolar? E não só isso, como transformar o não consigo em: eu consigo!

Que o medo da tentativa, não seja substituído, afinal é uma medida de defesa que o próprio corpo produz, mas como usar esse medo a favor de uma educação libertadora e que enxerga no estudante as mais variadas capacidades de criação e de linguagem teatral? Que nós, professores de artes cênicas, saibamos criar os ambientes propícios para a valorização do ser, e que a experiência do aluno seja propulsora do seu próprio saber à medida que parte dele e cria significância, e essa simples relação já abstém a noção de fazer algo por nota, valor e preço.

Considero por fim, que o dever do professor se baseia na noção de encorajamento, de desafiador e de ser afeto, afinal a educação das artes cênicas é um órgão vivo, latente e que não para de funcionar, de se modificar e de se reinventar. Tenho uma professora que me ensinou o valor da linha do horizonte, a chamada utopia. E por mais que nunca a alcancemos de fato, ela está ali e o processo de ensino-aprendizagem do ensino de artes cênicas se funda, ao eu ver, nesta linha. Nunca acertaremos por completo e ainda vamos errar muito, mas existe uma linha na qual o *não consigo* pode sim ser substituído por: *eu consigo*! Que as artes de maneira mais direta e latente, possam ser, não o caminho e muito menos uma ferramenta, mas o *lugar* onde o hoje e o agora possam mudar um realidade, uma vida e uma sociedade.

Que os inúmeros **MR, R** ou quaisquer outros estudantes possam ser pertencentes desse lugar, lugar aonde a empatia do professor instigue a criança a sair da sua zona de conforto e que ele próprio busque a ressignificação dessa frase não só para o ambiente escolar, mas para outras instâncias da sua vida. Porque o teatro abarca por si só dimensões muito mais abrangentes do que um único espaço, é uma linguagem que proporciona novas experiências que a todo momento geram movimento de ação, escuta e protagonismo da criança.

## 4 “TIA VIVI, EU NÃO QUERO”

O presente capítulo pretende abarcar questões que predominam na fase de ensino do fundamental II, uma fase um tanto complexa, diria. Aonde o questionar por vezes estaria diretamente ligado ao puro prazer de se questionar. Aonde os porquês, para quês e “Nossa, que mico professora” são quase inevitáveis. Aonde as falas de *sou maduro* e *ainda sou criança* se confundem, permitindo ações que variam de acordo com a situação desejada. Observo agora, a sensibilidade, tanto minha enquanto professora, como deles, crianças/adolescentes em fase de transformação. Sensibilidade que brota no meio da observação e da empatia de ambos os lados, estudante e professora.

Começo falando do **G**, meu aluno de teatro da instituição particular. Ele entrou em sala com as mãos nos bolsos, nenhuma timidez em seu olhar, mas seu corpo tremia com facilidade e não era por frio. Quando fiz a primeira rodada de apresentações, afinal aquela era minha primeira aula com a turma, todos repetiam comentários do tipo: “Quero fazer teatro porque quero ser atriz. ”, “Eu amo novelas. ”, “Quero no futuro ser atriz da Netflix” e etc. A todo momento eu olhava para ele, e ele parecia desconfortável, meio que em dúvida, agitado em seu lugar. Balançava uma das pernas com inquietação, pois bem, quando chegou sua vez ele me vem com a seguinte frase. “Eu me chamo **G**, e eu tô aqui porque minha mãe me obrigou a escolher entre fazer teatro ou ir pra banda, achei a roupa deles horrível ai vim parar aqui. ”

Eu e a turma rimos tanto que tive que pedir silêncio umas 3 vezes. Fiz outras perguntas para entender se ele não estava era fazendo graça ou querendo chamar atenção, mas ele respondia tudo com uma verdade absoluta e por vezes com um certo medo nos olhos, a perna continuava a balançar. Naquele dia pressenti que teria um excelente aluno. Ele era novo na escola, faltou exatamente 0 vezes a minha aula e pude vê-lo crescer e se desenvolver extraordinariamente.

O ano passou, ele infelizmente saiu da escola, não sei o que fora feito do **G**, mas com certeza fico extremamente grata por ter conhecido um ser humano tão verdadeiro, não só na fala, mas em cena. Ele trazia luz para cena, brincava com o frágil e a auto ironia faziam parte de seu repertório cênico. Não cheguei a descobrir se ele se arrependeu de sua escolha e preferia usar a roupa “horrível” da banda ao invés de fazer teatro, mas acredito que de alguma forma construímos algo latente e singular naquelas aulas. Nossa última aula de teatro do ano ele veio

até mim apertou a minha mão como um executivo de Wall Street e falou com uma voz bem caricata “Obrigada professora”. E eu respondi com a mesma voz caricata a ele “Obrigada você, **G**”. Acaba que o *não quero* de **G**, para o uniforme da banda, abriu uma potencialidade imensa para o *eu quero* do teatro. Não se trata em vilanizar a frase, mas entender que a abertura para determinadas experiências pode não acontecer em um primeiro momento, o que pode levar a outros leques de possibilidade para outros *eu quero* (s).

No ano de 2019, também na escola particular, conheci o **SC** ele tem por volta de 12 e 13 anos e é uma criança extremamente participativa, que questiona com a mesma frequência com que reclama. Complicado afirmar isso, mas ele é o tipo de aluno que reclama antes mesmo de fazer a atividade e durante a própria se engaja de uma maneira fora do comum. Escolhi falar do **SC** neste trabalho porque ele é o meu maior desafio até hoje em minha curta vida de docência. Por vezes ele aparece com as seguintes frases: “Mas porque fazer isso? ”, “Isso serve pra quê? ”, “Nossa isso é muito chato”, “Já não gostei”, “Professora, posso ficar sentado e não fazer hoje? ” e “Professora, hoje eu não quero”. Um aluno que não quer jogar, deve ser observado já que o medo pode ser minimizado e uma eventual participação possa ser encorajada (SPOLIN, 2008, p. 61).

Se um colega começa a fazer algo, melhor ou com maior desenvoltura do que ele, ele já trata de boicotar a ação do mesmo, proferindo comentários maldosos ou do quão fácil seria para outra pessoa fazer aquilo. Por vezes ele é uma incógnita em sala de aula, ao mesmo tempo que me sinto desafiada em entender o mundo desse aluno e tentar de alguma forma construir uma ponte entre nós dois, me sinto extremamente desanimada em propor qualquer coisa para ele.

O mais complicado está no quão influenciador ele é para com as outras crianças. Por se tratar de uma turma em que existem diversas idades, alunos do 6º ano dialogam com alunos do 3º, 4º e 2º, e ele por ser o mais velho da turma encontra caminhos de colocar sua voz de maneira única e como verdade absoluta para os demais. O mais engraçado é que aqueles que legitimam a voz do **SC** são os mesmos que o próprio diminui em alguma instância. Por vezes me vi em uma situação de pequeno progresso com um determinado aluno e uma frase do **SC** destruía toda uma autoconfiança que o outro aluno acabara de formar. Conversei com os outros professores para ver se tal fato só acontecia na minha aula, e não, era uníssono.



Um dia, **SC** chegou atrasado em minha aula e pude falar diretamente com a turma em relação ao quão influenciados podemos ser, sem usar o nome do aluno construímos um diálogo em que o nome do **SC** veio dos alunos. Alguns me falavam que se sentiam acuados em colocar suas ideias e pensamentos com medo dele os criticarem ou falarem mal deles. Ficamos acertados que a partir daquele dia todos iriam participar sem receio. Com a chegada do mesmo no final da aula, o chamei no canto e perguntei se algo estava acontecendo e se ele precisava de ajuda com algo. Ele balançou a cabeça em negativo e continuou a fazer a atividade proposta. O rendimento da aula mudou em algum ponto, porém o **SC** ainda é um desafio, não existe reviravolta, ainda, neste caso. Ainda descubro dia após dia que o aluno é incrivelmente esperto para muitas coisas, inclusive para diminuir o protagonismo dos demais alunos. Ele ainda critica antes de experimentar, reclama e só aceita seu ponto de vista, reiterando por vezes a sua renúncia em participar da aula. *Professora eu não quero.*

Em atividades simples, ele indaga os meninos “Vamos fazer diferente do que a professora falou?”. E quando questionado pelo o colega do porquê, ele responde: “Só pra zoar mesmo”. Em atividades em dupla ele sempre quer fazer sozinho, se isola constantemente durante a aula para montar o cubo mágico. Interrompe a fala dos outros, diminui o progresso dos demais colegas “Faria bem melhor”. Tem dificuldade em aceitar a proposta no primeiro momento, mas assim que reclama seja lá do que for aceita fazer e exige ser o centro da atividade, das cenas e de todo o processo.

Professores mais experientes talvez, já tivessem resolvido tal questão, já teriam de forma mais madura, conversado ou “aplicado” técnicas que resolvessem pelo menos aparentemente o problema. A questão é que prefiro assumir que não sei mais o que fazer. Da mesma medida em que somos bombardeados na academia por frases como: “Construa um diálogo com o seu aluno”, a realidade não se encaixa nessa frase. Por vezes a única coisa que quero fazer é deixar ele no banco sem fazer aula, ou torcer para que ele falte a aula e que esta flua de uma maneira mais leve. É horrível admitir isso, mas isso é o que torna a educação real, verdadeira e latente. Poderia simplesmente dar inúmeros exemplos de aulas que funcionaram, mas de fato nem tudo são flores. A questão permanece. Por outro lado, não responder mantém o exercício de pensar, modificar e questionar.

Em uma conversa particular com a minha mãe, também educadora, compartilhei minha desmotivação com a turma e com este aluno em específico. Falei que nenhum

planejamento meu dava certo por causa desse aluno, do meu ponto de vista, interpreto que o robbie dele é me fazer fracassar. Me senti completamente frustrada e com um cansaço mental fora do comum. Sua resposta fora a seguinte: “Vivi, ele é só uma criança. E passa o dia inteiro na escola. Ele trocaria qualquer aula, para dormir ou jogar vídeo game ou sei lá o que mais. Não é pessoal”. Passar mais de 12 horas em um único ambiente de segunda a sexta deve ser por vezes extremamente desgastante, independentemente do quão divertida as atividades no turno contrário possam ser, a rotina em algum ponto massacra a vida daquela criança já cansada, encontra alívio em boicotar a aula de quem quer que seja.

Futuramente, posso escutar vários alunos me falando sobre o tanto que eles querem ser futuros atores e atrizes e o quão feliz e maravilhoso o ensino das artes cênicas pode ser latente em sua vida futura. Mas esqueci, daqueles alunos para qual o teatro é só mais uma aula, só mais uma atividade que não mudará nada na vida do mesmo. Para alguns o teatro não é latente, não é vetor de novas descobertas, é uma experiência tão insignificante e pouco reverberadora de ação que talvez seja até esquecida no futuro, afinal a experiência em determinadas circunstâncias parte do querer do próprio indivíduo.

“Ahh Ana Vitória, então você está se autocontradizendo? É vetor ou não? ”. Acontece que sim, as artes cênicas são sim vetor de pensamento crítico e de experiência que gera significância! Mas tal experiência só acontece a medida em que há abertura de quem a participa. Não é possível que haja uma relação latente entre aquilo que se experimenta, se o próprio indivíduo não se propõe a participar. Não há um diálogo, uma conversa e/ou uma construção de pensamento crítico ou até mesmo de uma reverberação de prazer naquilo que se faz. Se o aluno identifica aquilo como *inútil*, a medida em que ele próprio, não se abre para o fazer teatral, não há ainda uma forma de acesso a este aluno. *Eu não quero. Ainda.*

Identificar que o aluno não está aberto a participar é o primeiro passo para, de alguma forma, instigá-lo a participar. Identificar o desânimo ou por vezes a apatia de determinado aluno em fazer, não pode ser usado para legitimar a famosa e triste frase propagada por vezes no senso comum do universo educacional: “Eu desisto desse aluno”. Não! Identificar essa relação do aluno com o fazer teatral é (ou deveria ser) o primeiro passo para criar metodologias ou situações para que esse aluno saia do estado de abstenção do fazer e comece a participar. Afinal, o exercício teatral leva ao autoconhecimento de que todos precisamos em qualquer época de nossas vidas.

O processo educativo se constitui a medida em que o indivíduo avança em seu crescimento psicológico e mental, oferecer *mecanismos* de proposição ativa para esse processo é responsabilidade do professor. “Esse processo de crescimento se opera, conforme já notamos, por uma constante reorganização e reconstrução de experiências (DEWEY, 1959, p. 15).

Se faz necessário salientar que em nenhum momento, o termo *mecanismo* se fixa na ideia de instrumentalização das artes cênicas para o uso em outras áreas do conhecimento. O Ensino das artes não é mecanismo, trampolim ou qualquer que seja a conotação usada para coisificar e/ou diminuir o real sentido, valor e significância das artes cênicas. E partindo de uma lógica ainda mais abrangente, as próprias artes cênicas não é somente uma área de conhecimento, por partir da vida e de uma demanda humana em se expressar das demais formas, a própria arte é fluxo de ação de um ser, e se faz em todo o contexto social. O que quero dizer é que as artes cênicas são tão abrangentes que englobam toda uma sociedade, por exemplo em um rito. Está inserida no contexto social como um todo e não somente dentro de uma academia de artes. Exemplifico minha ideia nas festas populares no Brasil e no mundo, nas brincadeiras de rua e nas histórias que passam de pai e para filho há centenas de gerações.

No meu segundo semestre de 2017, na escola particular que dou aula no turno contrário de Sobradinho conheci o **LS**, ele tinha por volta de 14 anos. Logo na primeira aula ele me vem com a seguinte frase: “Oxe, a aula vai ser com uma guria da nossa idade?”, seguido pelas risadas de todas a volta pude concluir de imediato que ele seria o chamado popular da escola. Metade das meninas queriam fazer o aquecimento com ele e a outra metade o encarava do outro lado da roda. Na sequência das aulas ele sempre vinha com uma gracinha sobre a minha idade, e querendo sempre mover a dinâmica da turma para ele, ele era o foco.

Ser jovem e ao mesmo tempo professora me proporcionou surpreendentes histórias, cumprimento meus alunos com “Eai beleza?” e já fui abordada por pais de alunos me perguntando: “Você sabe aonde está a professora de Teatro?”. E eu logo respondo para a surpresa deles: “Sou eu mesma.” Não que isso seja ruim, alguns até riem e ficam constrangidos pelo equívoco, e outros já me olham torto achando que não conseguirei segurar as pontas de uma sala de aula. Acontece que aguentar ou não as dificuldades de uma sala de aula, não está ligada à minha idade, e sim ao meu posicionamento enquanto professora dentro de sala, posicionamento este que se aproxima da escuta, respeito e ao entendimento de que aluno nenhum é uma tábula rasa. Já chegam com um conhecimento e comportamento próprios.

Mas voltando para a história do **LS**, em uma determinada dinâmica enquanto ele soltava mais uma das suas gracinhas, o que deixava por vezes algumas alunas constrangidas e acanhadas em participar da aula, decido fazer algo para que a turma como um todo não precisasse passar mais por situações desconfortáveis. Eu o respondo da seguinte forma: “Já que o **LS** gosta de falar, ele vai ser o primeiro na dinâmica. ”

A dinâmica em si era o abecedário, eu ainda não havia feito esse jogo com eles, expliquei e fomos eu e o **LS** para a cena. Ele travou em alguns momentos da brincadeira, mas pude aproveitar o jogo para puxar comentários diretamente relacionados a ele. Os colegas começaram a rir e por um momento o senti acuado e até um pouco receoso em falar durante a brincadeira. Quando chegamos a letra Z, ele estava com vergonha dos meus comentários extremamente diretos, mas por estarmos em uma brincadeira, pareciam de alguma forma estarem *protegidos*. Ele começa a sentar para que outra dupla de colegas viesse para a cena e eu falo para ele: “**LS**, de vez em quando precisamos falar menos e respeitar mais...” E ele me responde: “Pois é professora...”

Ele não parecia triste, ria das brincadeiras dos colegas de sala e se divertiu com as outras duplas que entravam em cena, algumas duplas demoravam muito para criar ou algo do tipo, se fosse em outra aula, logo teria algum comentário sobre a cena, atrapalhando o desenvolvimento daquela dupla, mas naquela aula ele passou de alguma forma, a escutar mais e a se calar mais. Acontece que em um determinado momento a euforia em querer chamar atenção de alunos específicos pode atrapalhar toda uma turma, ou pequenos progressos de outras crianças. Independente da experiência estar sendo boa para um indivíduo em específico, tal relação não pode ser negativa para o outro, seria uma espécie de omissão da minha parte deixar que o **LS** continuasse com as suas *brincadeiras* em sala e prejudicasse uma aluna que tem extrema dificuldade em falar, ou o outro que é mais gordinho e tem aversão a aulas mais corporais.

Meu comportamento em algum momento pode ter sido errado ou infantil. Talvez devesse ter informado a direção ou a coordenação de forma imediata e ali resolver o problema com uma intervenção da coordenadora. Entretanto, nós, educadores, reiteramos a todo momento a real necessidade de se estabelecer um diálogo com nossos alunos. Fica muito fácil falar de diálogo só quando algo está bom, a necessidade do jogo de cintura está em se estabelecer diálogos aonde não parece haver diálogo. Das dificuldades é que aparecem as

necessidades de se estabelecer diálogo horizontal com os estudantes. O caminho no qual devemos seguir para conseguir esse diálogo, depende de cada um de nós. Para mim, naquele momento, me pareceu um momento propício para tal ato.

Não queria de maneira nenhuma boicotar a relação do **LS** com o ato cênico, mas queria mostrar para ele que enxergar o outro é tão importante quando fazer algo, seja na cena ou na vida. A instância maior era como seria a postura dele com o próximo e não só na aula de teatro. Dito e feito! No decorrer do processo, quando fomos montar nosso roteiro para a futura apresentação teatral, era ele que organizava e pensava em tudo, mas agora sempre perguntando e aceitando outras ideias acerca do processo e afins. A atitude de *repreendê-lo* estava muito mais ligada em criar ali uma situação de observar o outro e se colocar no lugar deles, lugar este que por vezes os colegas eram colocados pelo próprio **LS**. E acredito que essa compreensão fora estabelecida por ele.

Um dos maiores clichês, para mim na época de aluna, era quando o professor (a) vinha com a seguinte frase: “Vocês aprendem, mas nós aprendemos muito mais com vocês”. Eu achava que essa frase era aquele velho jogo de comprar a turma ou de criar um sentimento de “Eu escuto vocês...”, achava que era uma daqueles jogos psicológicos mais baratos do mundo, sabe? Acreditava nisso até um dia desses. Porém, quando você está do outro lado da história as coisas começam a ter outros significados. Eu tenho um aluno na rede pública de ensino dos anos iniciais que demonstra constante agitação em minhas aulas. Tento conversar com o **AF** todas as vezes, tento dar múltiplas possibilidades para que ele de alguma forma se acalme e não atrapalhe os demais da turma, porque apesar de tudo ele parece gostar da aula. Entretanto, seu comportamento atrapalha de forma direta os outros colegas, sua agitação é fator que constantemente tira os demais da turma do foco, em alguns momentos ele rasga um livro ou quebra alguma coisa.

No final do 1º semestre fizemos alguns jogos teatrais como imitose e a máquina de Augusto Boal (1967) e os jogos corriam bem até o presente momento. No decorrer do dia cada turma da escola estava ensaiando para apresentação da festa cultural que aconteceria no sábado da mesma semana. Observei mais uma vez que nesse dia em específico ele continuava sempre muito quieto, e por vezes até mesmo apático, dançava de forma desanimada e pouco usual para ele, logo ele que adorava dançar e fazia festa quando tinha música. Nesse dia ele optou por não

querer fazer a aula. *Eu não quero*. Naquele momento fiquei extremamente incomodada e dividi minha observação com a professora de sala.

O ponto que quero comentar é este: No sábado, dia da apresentação, os ônibus da comunidade começam a chegar com os pais e com as crianças, por ser uma escola rural os ônibus traziam toda a família para a festa. Eu fico olhando, um por um descendo quando no fim, desce o **AF** com a cara de choro, e sem os pais, nem irmão, nem tia, nem ninguém. Acontece que ninguém da casa dele veio vê-lo apresentar e ele já sabia disso desde aquele dia. Ninguém, aquilo me afetou de tal forma. Ele também não tinha dinheiro para comprar as comidas da festa junina, a direção deu a ele fichas para que ele pudesse comprar aquilo que quisesse. Ele comprou tudo o que queria, mas guardou os últimos 5,00 reais de ficha para comprar um cachorro quente com refrigerante para sua professora de sala. Quando chegou com a comida até ela, ele disse: “Pra senhora, não pode ficar com fome trabalhando nesse bazar o dia todo”.

Observei tudo aquilo e pensei por um minuto sobre a frase que hora ou outra me fora dito quando era aluna. “Nós aprendemos muito mais com vocês...” Ela ecoou na minha cabeça enquanto ficava observando os passos do **AF** como uma stalker. Aprendi mais com ele em uma tarde em pequenos movimentos, do que aprendi com muitos doutores e mestres dentro da universidade. Falamos a todo momento sobre empatia em sala de aula, sobre saber ouvir mais e falar menos e nos esquecemos de simplesmente observar as reais capacidades já existentes nos nossos alunos. Não quero trazer pena ou condolências a situação de vida em que por vezes o **AF** se encontra, mas quero trazer à memória aquilo que por vezes nós atores e professores de artes cênicas nos esquecemos de ser: ser gente! E nisso, podemos entender que a frase *não quero* proferida no outro dia, não era algo simples de ser dito por ele.

Gente, no contexto mais amplo da palavra, com menos teses, artigos ou diplomas empilhados na parede, e mais ações palpáveis na prática. Que não percamos a simplicidade de um coração agradecido e que enxerga na figura da professora a sua família. Não somos agenciadores de saberes e nem tão pouco fundamentadores de um único saber. Somos por vezes referência sim, e definitivamente estamos aprendendo cotidianamente com nossos alunos, mesmo que o fato em si não ocorra com a gente. Aprendemos noções que hora ou outra julgamos já estarem fundamentadas em nós, e na correria da vida por vezes não estão. Dizemos a todo momento que aprendemos com: Vygotsky, Grotowski, Stanislavski, Ana Mae Barbosa,

Pina Bausch e tudo bem por isso, que haja uma valorização dos grandes nomes do teatro, mas que de forma alguma esqueçamos de aprender com os inúmeros **AF**, **R**, **J**, **RF** e **MF**.

Não quero de modo algum me tornar aquela professora que esbanja seus saberes em outros estudiosos e desprezar por completo o saber do meu aluno, logo ao meu lado. Não quero escrever esse trabalho de conclusão de curso hoje e acreditar na frase que alguns professores me dizem cotidianamente “Essa alegria um dia acaba...” Como se o rendimento das minhas aulas fosse condicionado as realidades da profissão. O rendimento daquilo que eu faço está na verdade diretamente relacionado a forma como eu olho para as mais diversas situações da minha profissão.

Se eu deixar o meio ditar como serei como professora, não teria nem escolhido a profissão, afinal caminhamos a passo largos para uma total desvalorização do professor. Porém, nem por isso deixarei de caminhar a passos ainda mais largos para a minha linha do horizonte já supracitada nesta pesquisa, aquela linha que hora ou outra nos esquecemos que existe mais ela existe, a chamada utopia. Preciso acreditar em algo que me coloque em movimento. Que acredite em uma sociedade correta, coesa, justa e que enxerga na arte todos os mais brilhantes caminhos de mudança e criatividade.

Quero falar agora sobre o **RF**, que estuda na escola particular de tempo integral que trabalho, meu aluno mais novo. Ele tem 3 anos e por vezes demonstra ser um desafio em todos os sentidos. Ele é uma criança bem assistida pela família, mas que por vezes se demonstra extremamente desinteressado e agitado em sala de aula. Já aconteceu situações como ele fugir da sala, dar uma cabeçada no meu queixo, pular a grade do espaço aberto e afins. Recentemente, algo em relação a sua vida me chamou muita atenção, fui buscá-lo juntamente com a turma na aula de psicomotricidade e a turma como um todo identificou um mal cheiro extremamente forte, achamos em um primeiro momento que fora a fossa da escola aberta ou coisa do tipo, mas não, era o **RF**, e ele tinha feito cocô na roupa.

Em um primeiro momento me faço a seguinte pergunta: “E agora? Como vou limpar ele?” Já em um segundo momento começo a levantar possíveis motivos para tal ato, me pergunto se seria da minha responsabilidade, identificar e trabalhar de alguma forma para entender qualquer que fosse a reação do **RF** com a minha aula. Em conversas com a minha mãe sobre *ser professor*, ela se referia em como nós, professores, estaríamos cotidianamente cerceados de situações extremamente desafiadoras e complexas. Me vi nessa situação nesse dia.

Em que momento na minha formação acadêmica eu pudera pensar sobre ter que limpar uma criança? Parece grotesco e pouco cordial comentar sobre tal situação no próprio TCC, mas escolhi colocar essa vivência porque a dinamicidade e a organicidade do ser professor é tão fenomenal e inesperada que devemos estar preparadas para as situações mais adversas possíveis. Devemos nos preparar, para encontrar as situações mais complexas e desafiadoras e ainda mais sendo professores de artes cênicas.

O lugar do acaso, do inesperado é terreno fresco para a experimentação do ator, do diretor, do professor. Existem diversas maneiras desse ato do **RF** ser interpretado no tocante a sua motivação, e cabe a nós professores de artes cênicas, criar mecanismos que ajudem o **RF**. Ele foi encaminhado ao acompanhamento psicológico da escola e percebo uma oportunidade de diálogo com a psicóloga o que me leva a pensar em construir algo que o ajude de forma latente. No dia do acontecido não precisei limpá-lo, pois a assistente de sala se encarregou de fazer isso, enquanto eu dava a aula para as demais crianças.

Acontece que olhando de fora e avaliando a situação depois de um tempo, percebo que além de ter dificuldade em se relacionar, **RF** é muito novo, com apenas 3 anos já se encontra em um ambiente escolar, e não só isso, por fazer parte da jornada ampliada, ele fica o dia inteiro na escola. Acontece, que para o **RF** é tudo muito novo e um tanto cruel, exigir de uma criança tão nova um comprometimento rigoroso com horários e aula no turno da tarde, enquanto este por vezes só queria estar em casa dormindo e descansando. Até mesmo o teatro quando encarado em uma zona de obrigatoriedade se torna algo ruim, chato e pouco interessante. Por fim, aprendi que o interesse do aluno em participar da minha aula era maior quando propunha algo do qual ela já tinha um conhecimento prévio em casa, acaba que a atividade educativa partia da demanda dele e não era levantada do nada, como uma espécie de vácuo do saber. Pequenos progressos já são percebidos, mas continuam pequenos.

A atividades educativa não se processa no vácuo, independente de objeto ou condições. Ao contrário, ela é sempre uma resposta a estímulos específicos ou gerais, nascidos do próprio organismo e do *meio em que o indivíduo vive*. (DEWEY, 1959, p.15, grifos meus).

Na citação de Jonh Dewey percebo o quão latente o estímulo pode ser na formação do indivíduo, e principalmente como o meio social no qual ele está inserido pode definir ou proporcionar solo fértil para o conhecimento. Considero o ser humano uma junção inexata de



suas experiências, sonhos e vontades. Por vezes as experiências são produzidas dentro de casa, dentro do ambiente familiar como por exemplo na minha infância, meu pai soltava as seguintes frases: “Galinha que acompanha pato morre afogada”, “Sacanagem é empurrar bêbado em ladeira”, “SE. Se meu pai fosse um Rei e minha mãe uma Rainha, eu seria um príncipe e não estaria hoje aqui”. E isso de forma direta ou indireta me ensinou sobre saber quem eu sou, saber reclamar menos e fazer mais e sobre a potência da partícula SE em propor novos caminhos.

Chego nas considerações finais deste capítulo com a sensação de que meus aluno-propositores são tão diversificados porque talvez suas experiências dentro de casa são diversificadas. Isso me instiga a investigar mais, a trazer respostas mais profundas do que simplesmente rotular a criança como “Ele é agitado assim mesmo”, “Ele não tem jeito”, “Eu desisto desse aluno, é problemático mesmo” e/ ou “Esse aluno não quer”.

Dos alunos que querem ser o ator da netflix, dos alunos que não veem a hora da aula acabar ou então daqueles que amam participar das aulas. Todas essas diversas realidades, abrem espaço para mais questionamentos: Quem são esses alunos fora da escola? Como eles enxergam o ato cênico? E seria possível ter uma versão ‘A’ deste dentro da escola, e uma versão ‘B’ dele fora da escola?

Seja o aluno que se abstém das aulas, o que ama as aulas, aquele que não para quieto, o aluno Netflix, o que está ali obrigado, o tímido, o nerd, o popular, gordo, magro, o afinado e o desafinado. O alto, o baixo, o que tem problemas com a família e o que não tem, não importa, para eles a aula de teatro tem que SER. Ser o lugar de descoberta, relaxamento, opinião, debate, construção e desconstrução dele próprio enquanto indivíduo. No fim o problema não está em: *Professora, eu não quero*, mas sim de nós professores de artes, não criarmos um espaço propício para quem sabe aconteça a mudança dessa frase para: *Hoje eu quero professora*, ou vou tentar...

Em resposta a uma sociedade doente e necessitada de amor temos um **G**, que escolhe a aula de teatro para fugir da roupa feia da banda. Que ele nos ensine a leveza de uma escolha e o valor de se divertir com as escolhas que nos foram propostas em nossas vidas. Em uma roda de debates aonde direita e esquerda faltam se matar, desejo um **RF** que literalmente faça cocô, e mostre que discordar não é sinônimo de imposição de ideias, mas que nem tudo precisa ser levado muito a sério. E por que não, aonde haja uma dose de arrogância ou prepotência de ser maior que alguém, um **LS** aparece para dar mais graça e leveza, afinal

aprender com os erros e saber escutar o outro não é somente em cena teatral ou no ato cênico, é para a vida.

As questões debatidas e trazidas para a aula de artes cênicas são maiores que a própria sala, falamos sobre empatia, amor, respeito, sonância e dissonância dentro de um jogo, roda ou brincadeira. E não seria por si só o ato cênico um infindável pouporit de novas descobertas a partir de experiências que tomam forma e significado e que por este fato se tornam inesquecíveis independente do caminho que ousemos escolher? Não se trata do quão aberto estamos ou não para a experiência cênicas, se trata de identificar essa relação e criar relações com o mundo que nos cerca, independente de quem somos, alunos e/ou professor. Abstenção, autonomia, fazer, ser, protagonismo são somente palavras, que posteriormente podem culminar na formação de um indivíduo único e pensante, na formação do ser GENTE. Questão a ser abordada no próximo capítulo.

## 5 “PROFESSORA , EU NÃO POSSO”

Eu gosto mesmo é de gente, gente com essência de gente, sabe?  
Gente que chora, ri, cai, levanta...  
Gente que sabe dizer: Com licença, obrigada, por favor ...  
Gente que não se envergonha em dizer: Eu te amo... Eu errei... me  
perdoa...  
É isso...  
Existe em mim uma alegria ímpar ...  
A alegria em dividir este espaço com você.

Arnalda Rabelo

Gosto de pensar nessa poesia como um lembrete diário de que o ser “gente” é a base de uma sociedade. Caminhamos a passos largos para uma sociedade que hora ou outra necessita diariamente de lembretes óbvios, e mesmo assim parece que esses lembretes não são suficientes, como: Debater sobre o apoio a educação ser melhor do que dar armas, precisamos debater que a empatia é melhor do que agressão ou prisão. E precisamos falar em grupos da família no WhatsApp sobre a real necessidade da arte na sociedade. Em tempos difíceis até o óbvio precisa ser comentado e lembrado. O óbvio na premissa desse capítulo será o *gente*, o ser, a criança ou jovem propositor. Aquela que acredita em si mesma, que enxerga suas próprias limitações e as dificuldades que cercam, mas que a todo momento tenta superar as mais diversas dificuldades.

Quero trazer à tona um estudante que ao longo da sua formação dentro da escola fora cerceada de inúmeras realidades e que no Ensino Médio tem dificuldade em se enxergar dentro de uma universidade pública. Ele não se sente pertencente aquele lugar e não só isso, ele não se sente pertencente em lugar nenhum. Durante minha Residência Pedagógica<sup>3</sup> tive diversos casos de alunos que hora ou outra me perguntavam como *era* a UnB, como eram as paredes, os coordenadores, as salas como eram? Um determinado dia, durante uma aula na escola pública do Ensino Médio, com os alunos do 3º ano, estávamos, eu e os demais residentes, falando sobre a importância de estudar determinado assunto para o PAS e como isso ajudaria no ingresso deles para a universidade. No fundo da sala, escuto uns burburinhos, mas permaneço quieta, afinal o conteúdo precisava ser fechado e em um primeiro momento não me parecia nada demais, além de comentários acerca do conteúdo ministrado. No intervalo fui falar

---

<sup>3</sup> O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso.

com o grupo de meninos perguntando o que estava acontecendo no fundo da sala, eles me responderam da seguinte forma: “Pô professora, a gente ‘tava’ rindo da senhora falando sobre ir para a UnB”, e os questioneei sobre o motivo das risadas, até que um dos alunos do grupo respondeu: “Professora, a gente não pode isso não. A gente nem gente é, só servimos pra trabalhar e ajudar em casa”. Na hora tentei retrucar sobre o valor deles, sobre como eles tinham valor e sobre o grande potencial de cada um ali, em vão. Tive a sensação de que as palavras naquele momento entraram por um ouvido e saíram por outro, mas as palavras deles me afetaram em todos os sentidos. (Apêndice A)

Saí aquele dia da aula com um amontoado de questões e quanto mais eu pensava, mais ficava insatisfeita no tanto que o sistema é injusto, seletivo e nada democrático. A música do Gabriel O Pensador, nunca fez tanto sentido para mim:

Acordo, não tenho trabalho, procuro trabalho, quero trabalhar. O cara me pede diploma, num tenho diploma, não pude estudar. E querem que eu seja educado, que eu ande arrumado que eu saiba falar. Aquilo que o mundo me pede não é mundo que me dá. (PENSADOR, 2001).

É um ciclo vicioso que bate no rosto dessas jovens do Ensino Médio a todo momento, e o pior, por já serem tão massacrados com vivências tão complexas, eles tomam aquilo como verdade absoluta e passam a se auto boicotar enquanto seres sociais capazes de algo. Eles se sujeitam a realidade que mais se aproxima a sua própria, independente desta ser o seu desejo, porque já estão tão preenchidos de que eles *não podem* fazer determinada ação, tomam como verdade aquilo que lhes foi proposto.

“Querer algo fora disso é sonhar demais, querer ir mais longe do que as pernas aguentam ir, é inocência demais”. Não há a noção de acreditar em si mesmo, porque já estão certos de que só podem ter determinado estilo de vida, eles o aceitam e reprimem qualquer que seja a sua vontade, desejo ou querer, que seja diferente, no caminho das superações. Mostrar que eles podem mais é dever deles mesmos, porque no fim não adianta o que A ou B falam, o entendimento de *poder mais*, deve ser afirmado por eles. “Poucas são as oportunidades oferecidas às crianças para interferir da realidade, de forma que possam encontrar a si mesmas” (SPOLIN, 2015, p.30). Cabe a nós, professores das artes cênicas, criarem situações propícias para que este entendimento ocorra. Não é sobre o professor, direção ou nada do tipo, é sobre cada estudante. É sobre um ser capaz de escolha, capaz de ser protagonista de sua própria vida só assim ela se torna uma criança ou jovem propositor.

Acontece que a criança ou o jovem propositor pode sim influenciar e transformar o meio a sua volta de forma latente (Apêndice A). As diversas realidades que encontro dentro de

sala me fizeram observar e comparar as diversas realidades que me cercam. Ao mesmo tempo que tenho um aluno que não quer tirar o sapato para fazer a aula de teatro, eu tenho o outro que veio descalço para escola porque o único sapato que ele tinha estragou no final de semana, e na segunda e ele preferiu vir descalço para escola do que não vir.

A criança propositora observa, avalia e faz aquilo que está ao seu alcance, é uma criança que utiliza do seu contexto social para criar cena, ainda que não sabendo disso. Pude observar isso durante uma das minhas aulas como educadora sócio voluntária. Estava na turma da educação infantil e como já havia falado com a professora sobre o que eles estariam trabalhando naquela semana, montei meu planejamento sob a perspectiva do “EU”. Sim eles estavam trabalhando sobre eles, como eles se viam, qual era seu tamanho, sua cor, jeito do cabelo, quantos anos eles tinham, como era a família deles, nome dos pais, no que os pais trabalhavam, enfim, naquela semana em específico a turma da educação infantil estava estudando sobre o “EU” e aquilo que os cercavam de alguma forma bem direta.

No primeiro momento da aula, propus um jogo em círculo no qual, a cada palavra que eu falava, eles tinham que imitar aquilo. Fui chamando em duplas para o centro da roda e fui jogando palavras soltas como “mamãe”, e eles imitavam corporalmente e imitando suas mães falando: “Vai guardar o sapato menino. ”. “Vai ver se seu pai tá lá no curral. ”. Alguns até colocavam a mão nas costas e começavam a reclamar de dor nas costas, isso ainda dentro da brincadeira de imitar as mães.

As duplas foram passando, até que chegou a vez do **EZ** com outro colega. **EZ** tem mais ou menos 3 anos de idade. Para essa dupla a palavra jogada, de forma desproposital, foi a palavra “Pai” e no momento exato ele levanta as mãos e as junta fazendo o formato de uma arma e começa a apontar para os alunos na roda, eu olho imediatamente para a professora da turma que me acompanha durante as aulas e ela parece tão surpresa quanto eu. Assim que pergunto para ele o que era aquilo, ele imediatamente desmonta a arma formada por suas mãos e me responde: “Não é nada tia Vivi, errei. ” E rapidamente cria um picolé, e finge que o lambe mostrando para os colegas.

Naquele instante um mix de preocupação e satisfação surgiu dentro de mim. Satisfação por ter feito esse jogo e ver no teatro uma possibilidade de descobertas em relação a vida dessa criança. Já a preocupação surgiu por conta dessa situação, seria muita coincidência aquela característica corporal surgir logo naquela palavra e sob aquela situação. O pai dele poderia ser policial e **EZ** sente orgulho do pai, mas porque logo depois de questionado, ele

desfaz o gesto e sente até um pouco de medo de alguém ter percebido? Os pais foram chamados a escola, afinal uma situação dessa estranhou não só a mim, mas como a professora que me acompanhava e imediatamente repassamos essa situação aos superiores. Ainda não se sabe o fim da história, mas torço que o melhor aconteça. O melhor não para a escola, pais ou para a professora, que o melhor para o **EZ** aconteça.

Na universidade somos submetidos a situações pouco usuais e em diversos momentos somos instigados a sair da nossa zona de conforto. Aprendemos metodologias, técnicas e colocamos em xeque diversos saberes que vez ou outra eram considerados imutáveis. Mas se tem algo que universidade nenhuma ensina, é a potencialidade que a experiência em estar em sala de aula nos proporciona. Independente das horas como monitores, estagiários ou residentes pedagógicos que fizemos, nada se compara a estarmos dentro de sala de aula e partilhar de histórias tão verdadeiras e tão chocantes. Em uma determinada matéria que fiz uma vez, a professora falou algo sobre o quão absurda a vida pode ser, cheguei a seguinte conclusão posterior a aquela aula: *De que a vida é um eterno teatro do absurdo*. Entendi que não importa quantas vezes achemos que o teatro realista se encontra no dia a dia, hora ou outra estaremos em situações tão absurdas que não acreditaremos na veracidade daqueles fatos.

A escola, ambiente por vezes corrosivo e tóxico, é lugar para muito afeto, empatia e cuidado. É o espaço aonde algumas crianças se sentem pertencentes e protegidas. Já presenciei situações de alunos que são extremamente agitados virem até mim e falarem que se sentiam confortáveis ali, alunos mais novos que chegaram no início do ano com a cara fechada e com sérios problemas de sociabilização e que hoje são extremamente comunicativos.

Logo, a escola não deve ser a oficina isolada onde se prepara o indivíduo, mas o lugar onde numa situação real de vida, indivíduo e sociedade constituam uma unidade orgânica. O meio social ou o meio escolar, se bem compreendidos, devem fornecer as condições pelas quais o indivíduo liberte e realize a sua própria personalidade. Não podemos, assim, considera-los antagônicos. (DEWEY, 1959, p.25).

Quero dizer que alunos propositores estão a todo momento criando sua autonomia criativa dentro das mais diversas realidades que foram propostas. São alunos que não se envergonham em perguntar, questionar e indagar questões que para eles são importantes. A sala de aula para esses alunos deixou de ser um lugar de medo ou correção punitiva e passou a ser um lugar de descoberta, de investigação e tentativa. Não percebem? A todo momento falamos que a geração vem mudando, sempre no gerúndio e nos esquecemos de usar o passado da

palavra mudar. Eles mudaram! Enxergaram e compreenderam que em seu meio social existem diversas possibilidades de se criar algo novo, e utilizam da arte agora para se expressar, se comunicar e criticar questões que outrora ficariam debaixo do tapete.

O aluno proponente é cercado com novas questões que antes seriam reprimidas ou jogadas de lado. A investigação do saber artístico não abre mais espaço para um professor que joga saberes, técnicas e modelos pouco flexíveis no processo de educar. O aluno proponente se coloca em lugar de destaque no processo artístico, não com objetivo de aparecer mais, mas sim com o objetivo de aprender, sugar, absorver do professor qualquer que seja o novo caminho ali proposto.

As artes cênicas transformam! Não necessariamente como seu objetivo principal, mas sim porque a transformação é intrínseca a ela. Quando montamos um planejamento de aula baseado nas potencialidades do aluno, e deixamos de lado nossos quereres pessoais ou por vezes o nosso ego em mostrar grandes técnicas, passamos a criar o planejamento dentro das demandas levantadas pelos alunos, é nesse lugar que a transformação, seja no modo de se colocar no mundo ou na forma como enxergamos o mundo, acontece. E é nesse ponto que a experiência cênica pode acontecer. Gosto de acreditar que o teatro em todas as suas vertentes permite não só o aluno proponente participar dessa experiência, gosto de pensar que a latência que o teatro possui é tão grande que afeta de forma direta a vida daqueles que cercam esse aluno.

Caminhamos a passos lentos para que o teatro chegue às mais diversas esferas sociais e atravessamos um momento político-social de total instabilidade. Entretanto, quero trazer para essa pesquisa mais uma palavra: criatividade. Quando entramos em uma instituição de ensino, somos bombardeados nos anos iniciais a novas cores, texturas, sabores e descobertas. Com o passar do tempo, o saber fica reduzido a matérias, notas e a seguinte pergunta dos alunos: “Vai cair na prova?”. O que quero dizer aqui é, com o passar do tempo somos podados a experimentar, brincar e nos desafiar criativamente e somos colocados em bolhas de um pragmatismo com respostas prontas e que exigem quase que de forma imediata uma resposta que corresponda a uma questão X.

Façamos o seguinte experimento, pensando em relação à próxima problemática: “Um pintor pinta uma parede de um prédio em 1 hora. Em quantas horas dois pintores pintarão a mesma parede?”. Provavelmente sua resposta e a de um possível aluno, seria que se agora tenho dois fazendo o mesmo trabalho, metade do tempo será usado, ou seja, o serviço que antes

era de 1 hora passou para apenas 30 minutos, correto? Sim e não. E se os dois pintores começarem a conversar? E se um deles estiver com problemas na família e precisar desabafar? E se a tinta acabar, porque foram usados dois rolos e desperdício foi maior? E se eles torcessem por times de futebol diferentes e comesçassem a brigar? O tempo poderia ser muito diferente.

O que gostaria de afirmar é que estamos podando diariamente a capacidade criativa dos nossos alunos, estamos cortando o possível material criativo dessa criança e consequentemente formando adultos prontos para responderem o comum, o usual. Com isso, quebramos de forma direta a capacidade propositora deles. Quantas vezes pedi para meus alunos criarem uma cena de improviso com comandos simples, e eles ou copiavam seus colegas ou sempre faziam algo extremamente usual, pouco questionador ou criativo?

Não que isso seja ruim, mas parece que por vezes só existe esse caminho. Parece que criamos máquinas com respostas prontas e quando estão na fase adulta queremos adultos criativos, que não estejam com respostas prontas e que estejam dispostos a fazer, criar e proporcionar novas vertentes de pensamento na sociedade como um todo. Irônico não?

Em uma atividade com meus estudantes mais novos na instituição de ensino de rede pública rural na qual sou monitora sócio educacional, propus uma atividade de desenho e pintura, com o tema: Quem sou eu? Os alunos tinham por volta de cinco e seis anos de idade foram direcionados a fazerem um autorretrato. Passei pelas carteiras de cada um acompanhando seu trabalho, quando chego na mesa da **AV**, percebo que seu trabalho de autorretrato na verdade tem um sol, grama, flores, pássaros, uma árvore no centro da folha e um cachorro do lado. Enquanto todos os outros estavam fazendo exatamente eles, seus olhos, cabelos e nariz, **AV** desenhava uma paisagem. Quando a questioneei sobre o porquê de ela ter feito uma paisagem ela me responde: “Não acredito tia Vivi, você não tá vendo?”, eu olho novamente para a pintura e não vejo nada além de uma paisagem e ela me responde, agora com um ar de incredulidade na minha pessoa por eu não perceber o óbvio de sua pintura: “Eu estou atrás da árvore, tô brincando de pique esconde. ” Na hora qualquer que fosse minha expressão, fora substituída por uma gargalhada.

É sobre esse tipo de criatividade que estou falando, algo que fuja a padrões e normas e que surpreenda todos a volta. **AV** me proporcionou uma surpresa maravilhosa, ri de sua resposta no momento e acenei em concordância com ela, afinal ela estava cumprindo o



comando, estava fazendo o autorretrato mais inesperado e criativo daquela aula. Que essa criatividade não seja podada, mas que seja instigada mais ainda no decorrer da sua vida.

A criatividade está diretamente ligada a aquilo que fazemos, experimentamos e descobrimos não só como material cênico, mas em outros diversos espaços sociais. O processo de criatividade deve ser entendido, portanto, como resultado da interação de fatores individuais e ambientais, que envolvem aspectos cognitivos, afetivos, sociais, culturais e históricos. (ALENCAR, E. e FLEITH, D, 2003, p.47). Seja na música, no áudio visual, artes plásticas, empreendedorismo e etc. O aluno propositor, não deve ser podado, mas instigado a fazer mais, a pensar de forma original e pouco usual. Pensar que a vida não é uma soma matemática com valores exatos, pensar que as vezes será uma dízima periódica, um número com vírgula ou um número negativo. E o erro não está na resposta, mas sim na valorização de uma única resposta, porque se eu quero uma única resposta para a minha pergunta, porque então perguntar? Se induzo meu aluno a responder exatamente aquilo que eu quero ouvir, isso não é educação, é indução, repetição, cópia, obediência.

O desejo desse capítulo está diretamente ligado ao aluno propositor, impulsionado com a criatividade, e que esta última esteja inserida em qualquer faixa etária do processo educacional. Que não seja um caminho de corte, que o prazer de ir para aula não esteja somente nos anos iniciais e que as crianças e jovens, possam ver potencialidades neles mesmos. Que o professor seja o fio condutor de toda uma experimentação e de uma aquarela de criatividade pertencente as próprias crianças. E quem sabe sob essa perspectiva se fundamente a mudança tão comentada e almejada por muito tempo? Afinal: “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos” (FREIRE, 1996, p.15).

Se queremos de fato indivíduos que possam modificar o panorama no qual estamos inseridos hoje, devemos sim tentar de toda forma quebrar esse ciclo vicioso de reprodução nos processos de ensino. Só assim o *ser gente* do início deste capítulo poderá se entender como indivíduo social e tomar para si, seus desejos, seus sonhos, seu lugar em uma universidade pública, seu emprego dos sonhos, sua família, ou seja, lá qual for sua ideia de futuro. Porque a partir de agora ele não somente se enxerga como ser social, mas entende que a sua criatividade é o que o torna único e verdadeiro em uma sociedade em que todos são iguais. E a medida em

que *o ser* diferente propõe *ações criativas*, ele transforma. Não só ele, mas tudo aquilo que o cerca.

Apenas um indivíduo não vai fazer uma mudança macro, isso é verdade. Mas, se retornarmos ao pensamento de Dewey (1959) na introdução, a respeito dos pequenos infinitos, perceberemos que a soma de diversos pequenos infinitos por vezes poderá dar uma constelação imensa. E é nisso que acredito. Acredito nas *micro ações* do hoje, para que o amanhã seja repleto das mais fantasiosas, verdadeiras e significativas *macro ações*.

Penso, por fim, que no momento em que o indivíduo se identifica como **gente**, ele passa a se ver como um ser com potencialidades e cheio de novas descobertas a serem feitas, que posteriormente o levarão a trocar a frase *não posso*, para: eu posso! E essa troca, partirá dele e para ele. Agora eu posso! Porque ele é um ser provido de protagonismo e de inúmeras potencialidades criativas e pode de fato modificar não só sua vida, mas as vidas das pessoas a sua volta.

## 6 “OLHA PARA MIM...RESPIRA”

Nada é mais belo que olhar de **criança** no sol da manhã.

Chuva de **carinho** é o que posso pedir nessa imagem canção

Lindo no horizonte o **amanhã** que eu nunca esqueci

Doce **lembrança** do sonho que eu vejo daqui

Ser **amor**, para quem anseia

Solidão de **casa cheia**

**Dar a voz** que incendeia

Ter um bom motivo, para **acreditar**,

**Mas bonito não há...**

Tiago Iorc e Milton Nascimento – Mais Bonito não Há – 2017

Quero imaginar que o olhar de uma criança pode transformar. Quero acreditar que o carinho é o sinal de uma sensibilidade que por vezes se perde em uma sociedade imediatista e que vive em uma correria eterna. Torço para que o amanhã seja o reflexo ininterrupto de um amor ágape. Que nossas lembranças sejam no futuro de sonhos que sonhamos hoje. Que a casa, não somente a física, mas sim a casa sociedade esteja cheia de cor, gritaria, aprendizado, troca e respeito. Que os alunos tenham voz para acreditarem neles mesmos e que por isso saibam que não existe nada mais lindo do que eles. Do que a força deles, do que o sonho deles. E que por isso saibam que eles conseguem, que eles podem querer e que eles podem fazer.

Considero por fim, que o processo educativo das artes cênicas é mais que teoria e/ou prática, é sobre observar. Observar o quão aberto ou não o aluno propositor está disposto a participar. É sobre observar a relação que o indivíduo faz com o meio, observar cada parte dele, cada desejo, insegurança, medo, incertezas e certeza dentro da aula de teatro. Da Educação Infantil ou Ensino Médio os alunos são comumente colocados a prova, exigidos e pressionados. Cabe ao professor criar mecanismos de ação para que o *Não consigo*, principalmente nos anos

inicias, seja substituído por: *eu consigo*. Que a apatia do *eu não quero* se transforme em: *Hoje eu quero*. E que o sentimento de não pertencimento com a frase *eu não posso*, seja substituída por *eu posso!*

Eu consigo, eu quero e eu posso, não sejam um mantra dentro das escolas, mas que seja um caminho. Um caminho que perpassa não só o ambiente escolar, mas que outras esferas sociais sejam afetadas por crianças propositoras para a vida. Que as pontes criadas entre as vivências dentro das salas de aula de artes sejam fortes a medida que influenciem de maneira direta a vida dessas crianças com suas famílias, seus amigos fora da escola e suas escolhas de futuro. Que eles possam ser seres humanos felizes em suas ações. Que não confundam liberdade com libertinagem e que entendam que o respeito é uma via de mão dupla para com o outro.

Que o diálogo, a escuta e a retórica inteligente sejam mecanismos de ação para que estes legitimem seus argumentos com muita empatia e respeito. Que eles não sejam subjugados por suas escolhas, mas se forem, que tenham bastante personalidade para defender seus argumentos e posicionamentos. Que a criança do hoje seja um adulto saudável, fisicamente e psicologicamente do amanhã, porque sim, cabe tudo isso dentro do teatro.

As questões deste trabalho abarcaram muito mais que noção de teatro ou artes cênicas dentro da sala de aula. Começam dentro da sala de aula, mas fluem para outras instâncias muito maiores, afinal o teatro é uma linguagem tão propulsora de descobertas que seria impossível se manter em um único ambiente. Aos estudantes, seja os que já tive o prazer de conviver ou não, meu sincero desejo de descoberta, das mais naturais às mais inexploradas. Que o terreno teatral seja o picadeiro do prazer e da diversão. Que haja toque, olhar e sentido, que haja menos NÃOs e mais SIMs. Sim você consegue, mesmo sendo tão novo. Sim, você pode querer, mesmo ainda não sabendo defender de fato aquilo que quer. E sim, você pode, independente do que a vida lhe ofereceu nesse primeiro momento.

Torço para que os diversos infinitos, das diversas realidades da nossa sociedade, tão complexa e linda, sejam permeados por seres vivos empáticos e respeitosos. Que sejam gente com essência de gente, que sejam pessoas que não fujam das suas responsabilidades e mais do que isso, que sejam mulheres e homens com muito amor.

Ainda que eu fale as línguas dos seres humanos e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ainda tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei. Mesmo que eu dê aos necessitados tudo, se não tiver amor, nada serei. Sendo assim,

permanecem até o momento estes três: a fé, a esperança e o amor. Contudo, o maior deles é o amor! (Bíblia Sagrada – KJA – 1Cor 13:1-13)

Amor, para criar experiências que possam de fato modificar a vida de pessoas, amor para criar ambientes sensíveis e amor para encorajar aqueles que por vezes não estão encorajados. A educação das artes cênicas por fim é isso, um exercício contínuo entre observar, trocar experiências, criar ambientes de significado que em todos os momentos estão cercados de muito amor e carinho.

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo (BONDÍA, 2001, p. 26).

*Olha para mim... Respira.* Por que no fim, estamos, eu e você (professora e estudante) **juntos** construindo uma educação pela escuta, pelo respeito e que enxerga na linguagem teatral o vetor de uma modificação social. Não enxergamos somente uma mudança no hoje, isso é micro quando olhamos para todo um panorama. Olhamos para além, em uma visão macro de muito tempo, de muita construção e de muita experiência. Ao meu aluno-propositor desejo que sua sede por experimentar não seja podada nem criticada, mas que seja incentivada! Não seria esse o dever de todo professor, principalmente o de artes cênicas? (Apêndice A)

Encerro, esta investigação com o sincero desejo de que a experiência teatral seja vetor de modificação social a medida em que esta, cria sentido no processo de ensino aprendizagem, afinal segundo Larrosa, o “*saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana*” (p.26). Ouso acreditar que o ensino das artes cênicas marca a vida de determinados alunos para sempre e posteriormente serão mulheres e homens propositores e responsáveis por suas ações sociais e que caminham a passos largos para criar os mais lindos infinitos de DEWEY (1959). E quando tudo parecer um tanto perdido ou sem saída, como se não houvesse mais possibilidades de melhora para essa sociedade, desejo doses e mais doses de amor, escuta e tudo bem se precisar: *olha para mim... respira.*

## 7 REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. e FLEITH, D. **Criatividade:** múltiplas perspectivas. Santa Maria – Rio Grande do Sul. Revista do Centro de Educação. 2003.
- ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar.** São Paulo. Editora Papirus 2009.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação como mediação cultural e social.** São Paulo. Editora UNESP. Coleção Arte Educação. 2008.
- BÍBLIA. **1 Coríntios 13:1-13.** Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo. 2008.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas.** São Paulo. Editora Civilização Brasileira. 1967.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre experiência e o saber de experiência.** Tradução de João Wanderley Geraldi Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística, 2001.
- DEWEY, John. **Arte como Experiência.** São Paulo. Editora Martins Fontes. 2010.
- FREIRE, Paulo. **A pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa.** São Paulo. Editora Paz e Terra s/a. 1996.
- IORC, Thiago. **Mais bonito não há.** São Paulo. Gravadora Slap 2017.
- PENSADOR, Gabriel. **Até quando.** São Paulo. Gravadora Sony Music. 2001.
- RABELO, Arnalda. **Gente.** Brasília. Blog Spot. 2005.
- SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil.** São Paulo. Summus Editorial. 1987.
- SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais – o fichário de Viola Spolin.** São Paulo. Editora Perspectiva. 2017.
- STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do Ator.** Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 2015.
- VIGOTSKI, L.S. **Imaginação e criação na infância,** São Paulo. Ática. 2009.
- WESTBROOK, Robert B e TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey.** São Paulo. Coleção Educadores MEC. 2010.

- WOU, Ana Elvira. **O clown visitante:** comicidade, artes e lazer para crianças hospitalizadas. São Paulo. Editora EduFu. 2011.
- TELLES, Narciso. **Um tempo de encontro entre o sujeito artista e o docente no espaço escolar.** Uberlândia-MG. Programa de Pós-Graduação em Artes - Universidade Federal de Uberlândia Comunicação – Relato de Pesquisa. 2013

## **8 APÊNDICE**

Livro Fotográfico – “Recortes, a experiência teatral para além da sala de aula”.

Disponível no link: [https://drive.google.com/open?id=1fdSSJCdpp1SZpcOvHC-e-0\\_Cn7vP5RXv](https://drive.google.com/open?id=1fdSSJCdpp1SZpcOvHC-e-0_Cn7vP5RXv)